

SUZIMARA F. SOUZA

**MUSEU CAMPOS GERAIS – PONTA GROSSA/PR: A FORMATAÇÃO DE
UM ATRATIVO TURÍSTICO A PARTIR DA ANÁLISE DOS MAPAS MENTAIS
DE SEUS VISITANTES**

**PONTA GROSSA – PR
2010**

SUZIMARA F. SOUZA

**MUSEU CAMPOS GERAIS – PONTA GROSSA/PR: A FORMATAÇÃO DE
UM ATRATIVO TURÍSTICO A PARTIR DA ANÁLISE DOS MAPAS MENTAIS
DE SEUS VISITANTES**

Monografia apresentada para
aquisição de Título de Graduação em
Bacharel em Turismo pela Universidade
Estadual de Ponta Grossa.

Orientador (a): Prof^a Ms. Márcia M^a
Dropa

**PONTA GROSSA – PR
2010**

Agradeço a existência pelas
inúmeras possibilidades...
OBRIGADA.

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I	7
1 CULTURA, INTERPRETAÇÃO E TURISMO	7
1.1 Relações entre Cultura, Interpretação e Turismo.....	7
CAPÍTULO II	14
2 MAPAS MENTAIS: QUE METODOLOGIA É ESSA?	14
2.1 Mapas Mentais e o Museu Campos Gerais.....	17
2.2 Aplicação da Metodologia Mapas Mentais ao Museu Campos Gerais.....	19
2.3 Resultados obtidos com a Aplicação dos Mapas Mentais.....	23
2.4 Relações entre Teoria, Metodologia Aplicada e Análise Prática.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo levantar e analisar a percepção de visitantes em atrativos culturais, tendo como suporte material as exposições temporárias e permanentes apresentadas pelo Museu Campos Gerais, um patrimônio cultural da cidade de Ponta Grossa – PR. Para tal será utilizada uma metodologia advinda da geografia humanista; aprimorada por Salette Kozel; conhecida como mapas mentais. Estes “mapas” basicamente representam graficamente as relações simbólicas dos envolvidos no processo que por meio de letras, números, linhas, figuras geométricas e outros articulam o real e o imaginário, a objetividade vivida e a subjetividade existente no indivíduo baseado no coletivo. As decodificações destas representações bem como a análise das mesmas seguem alguns critérios postulados por Kozel, considerando a interpretação quanto à forma, a distribuição, as especificidades e as particularidades dos símbolos presentes nas representações selecionadas. A metodologia aliada à observação participante foi aplicada ao diversificado público freqüente no museu, selecionado por duas categorias: origem do visitante (alunos de escolas e visitantes esporádicos moradores ou não da cidade) e faixa etária (a leitura de mundo modifica-se conforme a vivência do indivíduo). Os resultados apontam direções para o planejamento deste espaço museal de forma a atender as necessidades e as aspirações de seus visitantes, um dos principais resultados foi detectar a dificuldade de conceber a representação gráfica por parte dos envolvidos bem como a dificuldade de organização mental das pessoas ao se deslocarem pelas dependências do museu. Perante isso há pertinência da proposta de um guia com uma linguagem própria e direcionada contextualizando e proporcionando ao visitante um fio condutor de raciocínio a partir das exposições apresentadas. O trabalho deixa claro que entender as dinâmicas e interações entre este ambiente (museu) e seus visitantes pode ser ferramenta favorável à atividade turística, tendo em vista que esta vem se configurando, deixando de apresentar-se apenas como viagens, deslocamentos e consumos, para ser também uma atividade de vivência e experimentação.

PALAVRAS-CHAVE Percepção, Representação, Mapas mentais, Turismo.

INTRODUÇÃO

O turismo pode ser considerado uma necessidade social, visto que suas dinâmicas acompanham as transformações nas relações estabelecidas pelos homens. A forma de comunicação que permeia todas as estruturas relacionais do homem são os signos sendo assim interpretação destes signos promovem a comunicação entre os sujeitos, interpretar acaba sendo um pressuposto de sobrevivência e para completar a decodificação destes signos representa um contexto em si.

A motivação para a realização deste trabalho está na relação dialógica entre os signos e a interpretação de seus significados, ou seja, a percepção que um visitante tem ao ter contato com determinado espaço bem como a aplicabilidade desta relação para o turismo.

Como trata se do entendimento de algo subjetivo, adotamos um espaço que representa de forma relevante a simbologia produzida ou reproduzida pelas populações ao longo de diferentes temporalidades conhecido como museu, mais especificamente o Museu Campos Gerais um patrimônio cultural da cidade de Ponta Grossa.

O caro leitor pode estar questionando como extrair dos sujeitos suas percepções e impressões sobre determinado espaço? O uso de questionários e fichas de satisfação me parece métodos superficiais e defasados diante a ebulição de informações e detalhes com os quais cotidianamente nos deparamos. A metodologia aplicada neste trabalho conhecida como mapas mentais demonstra eficiência por descortinar detalhes presentes na percepção dos indivíduos envolvidos em um processo de planejamento de determinada área para a atividade turística.

Estes mapas mentais têm raízes na geografia cultural humanista que por sua vez entende o espaço não apenas como percebido e registrado pelos sentidos, mas também como reflexão das inúmeras relações estabelecidas pelos homens incluindo experiências emocionais e simbolismos acentuando dessa forma o singular e não o coletivo. Ou seja, o espaço é entendido como o concreto e o abstrato ao mesmo tempo sendo interpretado como o reatamento das práticas sociais.

Desta forma estes mapas registram a percepção das pessoas por meio de informações não verbais e a metodologia enumera os quesitos de interpretação, traduzindo, o como interpretar estes símbolos.

A idéia anterior permeia toda a construção deste trabalho que está dividido em dois capítulos, o primeiro capítulo contém conceitos sobre signos, cultura e interpretação bem como a ligação destas interações com o turismo. No segundo capítulo a metodologia e sua aplicação são detalhadamente descritas situando o leitor, existe ainda um panorama entre toda a abordagem teórica e um único mapa mental, tomado como exemplo para amarrar a teoria com a prática metodológica.

Os resultados analisados apontam direcionamentos na formatação do Museu Campos Gerais como espaço turístico visando aproximar a linguagem do museu com a percepção do visitante bem com discute a possibilidade de observar outras perspectivas ao planejar a atividade turística e suas dimensões focado no principal agente das ações: o sujeito com suas percepções e concepções.

CAPÍTULO I

1. CULTURA, INTERPRETAÇÃO E TURISMO

1.1 RELAÇÃO ENTRE CULTURA, INTERPRETAÇÃO E TURISMO

Segundo Suzana Gastal cultura seria vida em pensamento. Bosi (1992) explica que a palavra cultura em si tem a raiz latina em *colo*, o ato de lavrar a terra. Assim, temos cultura como o fruto do trabalho sobre o solo. Há ainda dentre os antigos povos cultura entendida como o culto pelo trabalho sobre o solo, mais ou menos como enterrar os mortos e reverenciá-los, para que os mesmos continuassem juntos e atuantes na sociedade da qual faziam parte. Existe verossimilhança com a semente que germina e gera novos frutos.

Subentendido nesta explicação pode notar que o acúmulo de conhecimento de determinado grupo gera frutos, e considerando o homem um ser constantemente modificado para a evolução, ao extrair seu sustento da natureza apreendeu e desenvolveu inúmeras técnicas acumulando extraordinário conhecimento.

Além da idéia de conhecimento acumulado, a raiz latina de cultura reforça a noção de *fazer*: a ação, pois não basta os devaneios intelectuais é preciso agir e trabalhar para que as sementes germinem, e as coisas aconteçam de forma efetiva. Segundo Barros apud Gastal cultura é:

“qualquer tipo de manifestação que venha atar, unir o convívio em sociedade. Qualquer tipo de criação, de artefato, ou de meio de continuar vivendo em sociedade é um ato cultural estrito senso. A manifestação cultural, essa forma de evidenciar essa materialização dos bens culturais, é uma atividade de profissionais, como qualquer atividade humana, como qualquer profissão.” (GASTAL, 2001, p.125)

Para o turismo a cultura fica longe de ser apenas um pressuposto teórico, sendo matéria-prima, que produz produtos e concretiza manifestações. A atividade turística na atualidade deve ter foco neste homem que concomitantemente com a cultura se transforma.

Ao pensarmos em viagem, quase que automaticamente nos vem à mente malas, aviões, aeroportos, passaporte, carros, idiomas, pessoas e lugares diferentes. O ser humano sempre se deslocou, sendo para atingir suas

necessidades relacionadas à natureza; sobrevivência; ou buscando respostas existenciais e conhecimento.

Toda a expectativa que envolve uma viagem, o ritual antes, durante e depois da realização desta, tem íntima relação com os anseios subjetivos do indivíduo. O turismo enquanto fenômeno contemporâneo pode cumprir um papel de âncora entre a subjetividade e a concretização da mesma por meio da estruturação de todo o processo de viajar.

Entendemos que toda e qualquer ação cultural representa o ser humano nas suas manifestações sociais em determinado tempo e espaço, porém a procura em satisfazer anseios e necessidades mais íntimas é que realmente configura a conduta e a maneira de ser do indivíduo em seu meio, estas ações são matéria prima para a configuração de um possível produto turístico.

E ainda, apesar de o homem viajar a centenas de anos o termo turismo inserido no cotidiano das pessoas pode ser considerado contemporâneo, referindo se a ação concreta que determina um processo social de deslocamento no espaço, recriado pela cultura e pelo indivíduo a partir do meio em que o mesmo se encontra.

Turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento temporário e voluntário de um ou mais indivíduos que por uma complexidade de fatores que envolvem a motivação humana, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exerçam atividades lucrativas e remuneradas, gerando múltiplas inter-relações de importância cultural, social, econômica, ecológica entre emissores e receptores. (MOTA, 2001)

O turismo começa a existir enquanto atividade econômica, no momento em que os equipamentos de transporte, comunicação e hospedagem foram se instalando nos territórios. Essa atividade é tão flexível quanto à sociedade, e ela vai se transformando na medida em que as estruturas sociais modificam suas estruturas de funcionamento.

A relação que existe entre os motivos humanos do deslocamento somados a assimilação das práticas de consumo na atividade turística, manifesta a viagem como algo único, um fenômeno existencial, desafiando a capacidade intelectual, a capacidade de empreendimento e os meios de construir e articular esta atividade para alcançar a idéia de conhecer o outro, mergulhando na sua

realidade por meio da experimentação, vivenciando nem que seja por alguns dias uma realidade diferente da sua habitual.

Consumindo as ações culturais uns dos outros e apontando parâmetros crescentes e desafiadores à formatação de um atrativo turístico, estruturado de modo a atender cada vez mais as expectativas materiais e imateriais dos consumidores.

A prática do turismo produz um movimento objetivo e subjetivo capaz de transformar o indivíduo e sua realidade. Segundo a definição de Wahab (1977) turismo é uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro de um mesmo país como fora dos limites geográficos dos países, envolve o deslocamento temporário (...) visando à satisfação de necessidades outras que não o exercício de uma função remunerada.

Esta definição torna explícita a idéia de que acima de tudo o turismo, enquanto totalidade de serviços consumidos e atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares distintos do seu ou não se faz uma experiência existencial, quer dizer o homem atua em seu meio modificando a si mesmo bem como consumindo e produzindo simultaneamente suas relações.

Sendo assim cabe aqui analisar a interpretação uma forma de comunicação e linguagem da qual o turismo tanto se apropria. Pois, ter um olhar diferente e dialético permite entender a relação entre as representações concretas e o inconsciente coletivo.

Interpretar, segundo Albano e Murta (2002), é perceber diferentes formas de aplicar métodos e explorar sentidos. Formatar e planejar um espaço requer a pesquisa e o estudo das inter-relações entre o sujeito e a sociedade, ou seja, a maneira como este homem percebe seu meio.

A interpretação de imagens passa a ser explícita na década de 1960 tornando-se aspecto indissociável de tudo que envolve o sujeito e suas manifestações baseado na linguagem verbal humana. Para o turismo interpretar ,ou seja, a relação entre imagem e significado é um ato de comunicação que

agrega valor a atividade, estabelecendo uma comunicação afetiva e efetiva com o visitante.

A interpretação (...) em sua melhor versão cumpre uma dupla função de valorização. De um lado valoriza a experiência do visitante, levando-o a uma melhor compreensão e apreciação do lugar visitado; de outro, valoriza o próprio patrimônio incorporando-o como atração turística. (MURTA, 2002, p.13)

Sendo assim a interpretação foi ferramenta para o entendimento dos mapas mentais; entendimento das representações gráficas; que integram a metodologia aplicada, tendo como produtores destes os visitantes de um espaço cultural da cidade de Ponta Grossa.

Consistindo na representação gráfica entre o real e o simbólico baseado no dialogismo Bakhtiniano onde os valores entre os sujeitos perpassam por significados construídos pelos discursos ou “dialogismos”. Ou seja, a relação de comunicar se com objetos, fatos, contextos e todos os diálogos estabelecidos pelos sujeitos enquanto seres pensantes.

Entender a simbiose entre o signo e a representação de algo a partir da interpretação permite entender o indivíduo e seu contexto, nestes mapas mentais existem as representações gráficas e os seus significados criam uma realidade que descortinam um contexto.

Esta relação entre signo, representação e interpretação do significado ressalta a importância da ressignificação dos diversos signos com os quais cotidianamente nos deparamos. Pois quando viajamos procuramos nos trazer de volta a nós mesmos e não apenas buscamos prazer, o viajante de alguma forma estabelece relação afetiva com algum elemento, situação ou ação durante sua viagem.

De acordo com Wainberg o turismo faz parte de uma economia simbólica, sendo uma atividade humana intencional que servindo como meio de comunicação e interação entre as pessoas, além de ser um fenômeno social, “fenômeno porque empiricamente observável e social diz respeito ao homem em sociedade e dentro de um processo histórico” (BARRETTO, 2004, p.85).

Ao mencionar economia simbólica procuramos automaticamente formatar códigos/signos; em nossas mentes, a fim de formar uma idéia do que isso ou qualquer outra coisa venha a ser. O interesse pelo estudo dos signos começa

com as origens dos homens, pois entender e interpretar o mundo e os próprios homens significa mergulhar no estudo destes signos. Na Grécia antiga havia uma filosofia do signo, que era considerada como uma teoria do conhecimento humano. Durante a Idade Média foi desenvolvida uma “doutrina dos signos”, com linguagens e interpretações próprias, resultando em uma tipologia muito elaborada a respeito dos mesmos.

O homem possui uma capacidade muito elaborada para os comportamentos e sinalizações simbólicas, sendo a única espécie animal capaz de criar símbolos, isto é, signos arbitrários em relação ao objeto que representam. Existe um laço entre representação e objeto representado formado de acordo com a vivência de cada indivíduo.

Segundo Santo Agostinho “um signo é uma coisa que, além da espécie ingerida pelos sentidos, faz vir ao pensamento, por si mesma, qualquer outra coisa”. Ou seja, os signos possuem valor de acordo com seu contexto não existindo por si só, por exemplo, um semáforo inserido no cotidiano do trânsito, organiza e mantém a harmonia do mesmo. Porém este mesmo semáforo em uma pilha de entulho, no lixo, não faz o mesmo sentido.

Assim, cotidianamente atribuímos significados a tudo que nos cerca e a esse conjunto de interpretações e “bens simbólicos” podemos entender como patrimônio, pois representam a recriação e a reavaliação da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na percepção e construção da realidade na qual o indivíduo encontra-se inserido e isso tudo pode ser traduzido como um aspecto cultural, um bem de identificação deste indivíduo e de seu meio.

Um local que bem pode representar a identidade, a cultura, o patrimônio de determinada comunidade é um museu, espaço em que há a materialização de símbolos, sendo uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. De acordo com os Estatutos do Comitê Brasileiro do ICOM; (Conselho Internacional de Museus) artigo 6º; o museu deve ser aberto ao público adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exibir evidências materiais do homem e de seu ambiente, para fins de pesquisa, lazer e educação. E devido a estas características foi o local utilizado para a aplicação da metodologia abordada pelo presente trabalho.

Segundo Stuart Hall (1990), a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia os fatos estão intimamente relacionados com a ressignificação dos signos. À medida que os sistemas de significação e representação cultural crescem e modificam-se, nos deparamos com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos por determinado tempo.

Percebe-se assim como a ligação entre representação e objeto representado torna-se complexa, à medida que as informações são globalizadas a formação e a decodificação dos signos podem se confundir no indivíduo e na própria sociedade.

Todas estas relações simbólicas geram um “mapa” que articula o real e o imaginário, a objetividade vivida e a subjetividade existente no indivíduo baseado no coletivo.

Tais mapas buscam verificar a importância que o signo e seus significados têm no estudo e na compreensão da linguagem como elemento implementador das aspirações lingüísticas, sociais, psicológicas e ideológicas do homem. Tendo um referencial teórico-metodológico baseado em como os indivíduos constroem as imagens de acordo com signos derivados de uma construção social.

A metodologia utilizada nesta pesquisa tem seu suporte na relação entre os signos e o que os mesmos representam na sociedade dos indivíduos envolvidos bem como em sua forma de apreensão e representação do espaço inserido.

Conhecidos como mapas mentais estes requerem uma interpretação/decodificação que associe o homem em seus contextos sociais, espaciais, históricos, enfim uma leitura holística deste indivíduo, interagindo dialogicamente o interno e o externo do mesmo.

“Descortinar” este mundo individual baseado no coletivo pode ser um dos desafios para a atividade turística e outras tantas atividades do nosso século. Salete Kozel¹ aprimorou e definiu uma metodologia baseada na interpretação de informações não verbais, consideradas pela mesma, representações gráficas que vão além da percepção individual refletindo uma construção social visto revelar a idéia que as pessoas têm do mundo.

Segundo esta autora o ser humano, sua consciência e cultura são únicas tratando-se de sua identidade, porém, são produtos incorporados de outras consciências, outras culturas, construídas pela comunicação que permeia todas as relações que vivenciamos.

Esta metodologia, diante sua perspicácia e características de análise, pode vir a ser ferramenta de auxílio na formatação de atrativos principalmente na área da cultura.

¹Kozel Teixeira, 2001 – Doutora em Geografia, Professora Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná, Membro do Núcleo de Estudos Espaço e Representações. Desenvolveu a metodologia para interpretação dos mapas mentais em sua tese de doutorado com tema na imagem que os moradores possuem da cidade de Curitiba.

CAPÍTULO 2

2. MAPAS MENTAIS: QUE METODOLOGIA É ESSA?

Baseado no trabalho multidisciplinar e na multiplicidade cultural humana o turismo tem mantido estreita relação com a geografia, que por sua vez estuda os espaços, as distribuições de território e mercado bem como uma infinidade de variáveis. Porém, a construção dos saberes entre a geografia e o imaginário que permeia a mente humana extrapola a materialidade.

O processo criador é em si mesmo inexplicável, pois é um processo que irrompe as profundezas do ser, transcendendo-o. No entanto, podemos tentar descrevê-lo em algumas de suas etapas essenciais, incentivando a imaginação criadora, a fim de apreender um outro espaço imaginário, painel onde se integram a percepção e o sentimento, isto é, o inconsciente primitivo e a consciência atual, devolvendo ao homem suas origens mágicas e simbólicas. (CUNHA, 1998, p.19)

Dentre suas muitas faces a geografia cultural humanista destaca se por entender que o espaço não é apenas percebido e registrado pelos sentidos, mas sim reflete as inúmeras relações estabelecidas pelos homens incluindo experiências emocionais e simbolismos acentuando dessa forma o singular e não o geral.

Assim, o espaço consumido pelo homem é interpretado como o rebatimento das práticas sociais resultado da percepção, da concepção e da vivência que os indivíduos constroem de acordo com seu meio.

Com isso as imagens construídas pelos sujeitos a partir da percepção do espaço no qual esta inserido surgem impregnadas de significados, experimentações e lembranças permitindo inúmeras interpretações. Nesse aporte surge a metodologia dos mapas mentais.

As inter-relações entre os sujeitos, passa pelos mais diversificados valores, cujos significados são construídos por meio dos discursos e estes discursos ao serem incorporados no indivíduo criam os signos que transformam se em representações nas mais diferentes formas de linguagem. Também conhecidos como “dialogismos”, a metodologia Kozel, baseia-se nestas questões, postuladas inicialmente por Mikhail Bakhtin (1986).

Bakhtin entende o dialogismo como o processo de interação entre textos tanto na escrita como na leitura, o texto não é visto isoladamente, mas correlacionado com outros discursos, ou seja, a relação entre recepção/compreensão. Perceber a comunicação verbal independente de sua natureza.

O mesmo autor enuncia que toda linguagem seja uma construção baseada em signos, e este só existe enquanto materialização de um significado dentro de um contexto social, fortalecidos pela necessidade de comunicação entre os membros desta estrutura social. Assim os seres humanos possuem um mundo mental paralelo ao mundo material para se comunicarem.

Todos estes preceitos e relações simbólicas geram um “mapa” que articula o real e o imaginário, a objetividade vivida e a subjetividade existente no indivíduo baseado no coletivo. Ou seja, o sujeito reflete em suas representações, seus desenhos e símbolos aquilo que interpreta e entende de sua realidade.

De acordo com Peixoto:

“ o pensar (...) cometia o erro de tomar como ponto de partida as concepções preestabelecidas, os conceitos já formados e não os fenômenos como eles são de fato. (...) construindo concepções (...) desvinculadas com a realidade (...). “

Para este autor a inexatidão é proveniente da natureza que permeia o mundo humano, ressaltando ainda que este é complexo, plural e inconcluso. Tais mapas mentais podem representar estes sentimentos e complexidades, desde que decodificados com critérios.

O processo de entendimento da teoria das representações sociais se constitui em um dos principais prismas para a análise e interpretação das representações produzidas pelos grupos sociais.

A primeira utilização destes mapas foi para estudos de percepção ambiental, na medida em que são vistos como “formas de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos ambientais” (Seemann, 2003, p.10), auxiliando na compreensão das atitudes das pessoas em relação ao meio ambiente.

Partindo da idéia de mapas, que de acordo com Milton Santos; representam o espaço físico, ou seja, a geografia da terra, em suas formas geométricas ou

espaciais e para contrapor o pensamento de Bailly (1991, p.25-34) que entende os mapas como capazes de permitir uma leitura de valores humanos, ou seja, representar a subjetividade dos indivíduos.

A representatividade dos desenhos são intensas e complexas o que permite aos indivíduos que os produzem comunicar idéias, mitos, costumes e fatos diversos por meio de expressões gráficas traduzidas como imagens mentais. Ou seja, as representações possibilitam ao indivíduo expressar toda e qualquer impressão deste em relação ao meio abordado.

Entendemos diferentes aspectos relativos aos mapas, pois “esses registros eram praticados entre os grupos humanos desde a mais remota época, pela necessidade de referenciar suas rotas, caminhos e territórios, integrando o vivido e as práticas socioculturais, incorporando ao longo dos tempos novos valores.” (KOZEL, 2006, p. 131).

... o mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem referendada no sistema de relações sociais onde estão imbricados valores, atitudes e vivências e essas imagens passam a ser entendidas como mapas mentais. (KOZEL, 2006, p.114)

Para entendermos melhor a proposta da Professora Salete Kozel, resumidamente seu trabalho consiste na análise das imagens geradas pelos indivíduos a partir de suas percepções em relação à cidade de Curitiba, de maneira livre quanto ao representar.

Esta compreensão e decodificação das representações seguem os seguintes quesitos (Kozel, 1999):

1. Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;

No primeiro contato com uma representação; um mapa; observa se as formas na imagem, ou seja, se os ícones são letras, números, formas geométricas enfim características do gênero.

2. Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem;

Nesta segunda etapa são verificadas pelo observador as disposições dos elementos para formar o mapa. Como os mesmos se apresentam de forma isolada, em perspectiva, isoladas, concentradas, difusas e etc.

3. Interpretação quanto à especificidade dos ícones;

Esta etapa tem o foco na natureza dos elementos representados, apontando diferentes características daqueles que construíram os mapas mentais analisados. Verifica se o que predomina na imagem:

- * Representação dos elementos da paisagem natural
- * Representação dos elementos da paisagem construída
- * Representação dos elementos móveis
- * Representação dos elementos humanos

4. Apresentação de outros aspectos ou particularidades;

Nesta etapa ocorre a decodificação dos mapas selecionados visando traduzir a impressão dos indivíduos envolvidos no processo.

A partir da análise das representações nas quatro fases elencadas; segundo a autora do método; compreende-se a lógica dos atores e sua relação com o espaço vivido e os discursos estabelecidos. Ao analisar os signos presentes nos mapas mentais considerando os critérios elencados anteriormente é possível entender uma construção social e cultural que vai além das referências ao lugar e ao mundo vivido, permitindo assim a interpretação de diversificadas visões de mundo daqueles que participam deste processo.

Esta metodologia foi aplicada em diferentes ambientes por diversos pesquisadores, para exemplificar, segue algumas utilizações dos mapas mentais: bairros (Santa Felicidade em Curitiba/PR), municípios (Caminho de Guajuvira em Curitiba/PR), escolas (Pesquisas sobre educação infantil), meios naturais (Praia na Bahia/BA), com objetivos específicos diferenciados mais tendo como objetivo principal comum o conhecimento da percepção do indivíduo em relação ao meio em que está envolvido diante a interpretação dos signos criados pelos mesmos.

2.1 MAPAS MENTAIS E O MUSEU CAMPOS GERAIS

Sendo os signos uma forma de comunicação para as relações sociais e a interpretação um pressuposto de sobrevivência, a conseqüente decodificação destes estabelecem os parâmetros que permeiam a construção deste trabalho. Procurou-se adotar um espaço que representa de forma relevante a simbologia produzida ou reproduzida pelas populações e estes espaços são conhecidos como museus, que segundo o Conselho Internacional de Museus é definido como:

“(...) instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. De acordo com os Estatutos do Comitê Brasileiro do ICOM; (Conselho Internacional de Museus) artigo 6º; o museu deve ser aberto ao público adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exibir evidências materiais do homem e de seu ambiente, para fins de pesquisa, lazer e educação.” (ICOM,2004)

Aliás, ao entrarmos em contato com um destes ambientes viajamos tanto para dentro de nós mesmos bem como extrapolamos os limites de criar e recriar situações, representar e apresentar símbolos refletindo todas estas sensações e percepções em uma construção gráfica, ou seja, um mapa.

O suporte material do presente trabalho foi o Museu Campos Gerais inaugurado no ano de 1983 instalado no prédio do antigo Fórum da Comarca de Ponta Grossa, mantendo suas características originais de estilo eclético e sua figura imponente. Em 2003, a instituição mudou-se para o prédio provisório, para que seu edifício original passasse por um processo de restauração, e mantém-se no mesmo endereço desde então. Construído em local estratégico do ponto de vista social, econômico e político, foi inaugurado em 1928, o prédio do fórum de Ponta Grossa. Sendo marcado por um estilo arquitetônico eclético exibe uma fachada, característica da época. No interior destacam-se os detalhes da escadaria e o trabalho de relevo no teto. A arquitetura exprime na materialidade uma afirmação da autoridade e do poder judiciário.

Possui um diversificado acervo para pesquisadores, com cerca de 10.000 objetos, de natureza variada, referenciando a comunidade pontagrossense em vários momentos de sua história e formação. Além do acervo distribuído em exposições temporárias e permanentes completam a coleção exemplares de jornais desde a década de 1930, revistas, livros e um acervo iconográfico organizado no espaço para pesquisa.

**ACERVO SOM E IMAGEM****ACERVO ÍNDIOS****ACERVO TROPEIRISMO****ACERVO DILMA OSÓRIO**

De todo este acervo, para suporte material do trabalho foi utilizado os objetos encontrados em exposição, acima representados por alguns dos acervos desta instituição visto que qualquer pessoa que entre no museu tem contato com os mesmos; que fique claro o contato é indireto, o visitante pode “tocar” apenas mentalmente os objetos por meio da visualização e observação dos mesmos. Outros recursos materiais utilizados foram papel e lápis.

Utilizando a aprimorada e exclusiva forma de comunicação humana conhecida como signos, podemos transcrever para linguagem gráfica as percepções, o “toque”, experienciado e percebido durante a visita.

2.2 APLICAÇÃO DA METODOLOGIA MAPAS MENTAIS AO MUSEU CAMPOS GERAIS

Entender as dinâmicas e interações entre o ambiente museu e seus visitantes pode ser uma ferramenta favorável à atividade turística, tendo em vista que esta se apresenta não apenas como viagens, deslocamentos e consumos, mas também como uma atividade de vivência e experimentação.

A problemática da pesquisa foca a percepção vivida e experienciada do visitante em relação ao acervo exposto pelo MCG; esta percepção permitirá uma melhor avaliação e planejamento por parte da administração do espaço em sintonia com as aspirações e necessidades de seu público.

O planejamento de um museu é a organização e estruturação do local para aporte do conhecimento podendo ser obtido pelos mais diversos estímulos e formas a fim de preservar a cultura e identidade de determinada comunidade.

Segundo Stol e Albuquerque mencionados por Ruschmann, (1997, p.84) planejamento:

...é um processo que consiste em determinar os objetivos do trabalho, ordenar recursos materiais e humanos disponíveis, determinar os métodos e as técnicas aplicáveis, estabelecer as formas de organização e expor com precisão todas as especificações necessárias para que a conduta da pessoa ou do grupo de pessoas que atuarão na execução dos trabalhos seja racionalmente direcionada para alcançar os resultados pretendidos.

O público freqüente no MCG é diversificado, assim a aplicação da metodologia teve um universo de pesquisa eclético, composto por alunos de escolas estaduais, municipais e particulares da cidade e região, bem como visitantes que chegam ao museu aleatoriamente, moradores ou não da cidade; sendo que neste grupo enquadram se os turistas.

Turistas aqui entendidos como pessoas que não necessariamente se deslocam para fora de seu lugar residente permanente por mais de 24 horas, sem exercer atividade remunerada, mas também sendo considerados como admite Suzana Gastal pessoas que mesmo moradoras locais, se deslocam pela cidade obtendo como fruto a quebra de suas rotinas temporais e espaciais.

A faixa etária dos pesquisados foi considerada e dividida nas seguintes categorias: 6-14 anos, 15-24 anos, 25-33 anos, 25-39 anos e acima de 40 anos, entendendo que conforme a bagagem de vivência modifica-se a compreensão do indivíduo em relação à realidade que o cerca.

Aplicou-se 100 mapas num primeiro momento, selecionando-se 60 destes. Considerando a frequência da visita que o museu recebe cotidianamente dentro de uma média os números foram suficientemente relevantes. Dentre os 60 mapas mentais aplicados 10 foram analisados no presente trabalho visto que representam os visitantes de forma equilibrada mantendo a parcimônia diante do público eclético que frequenta este espaço. Além disso, a faixa etária dos visitantes foi considerada e teve valor até mesmo de critério para selecionar os mapas apresentados na seqüência.

O desenvolvimento da metodologia consiste em três momentos, primeiramente a aplicação dos mapas mentais. Nesta etapa o visitante faz sua representação gráfica na forma de signos diversos tais como letras, números, linhas, figuras geométricas etc. Num segundo momento houve a separação dos mapas de acordo com as faixas etárias e em seguida a decodificação destes signos, seguindo os quesitos postulados pela metodologia Kozel.

No terceiro momento da pesquisa analisou-se a decodificação feita na etapa anterior visto que na interpretação [decodificação] são produzidas formas concretas ou idealizadas dotadas de particularidades que também podem se referir a outro objeto, fenômeno ou realidade.

É importante salientar que as relações entre sujeito-museu não aparecem explícitas sendo preciso decifrá-las e para tal a técnica de observação participante auxilia durante todo este processo.

Apresentamos a seguir alguns exemplos de mapas mentais selecionados dentro do universo de pesquisa proposto, para que o leitor visualize de forma mais concreta o que são estas representações, co-relacionando com toda a construção transcorrida anteriormente.

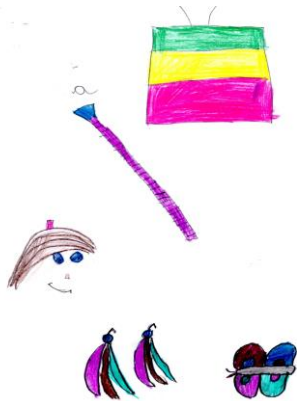
**FIG 1.MAPA MENTAL – VISITANTE
MAIS DE 40 ANOS (56anos)**



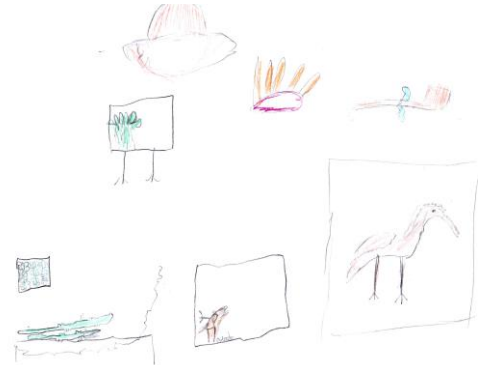
**FIG 2.MAPA MENTAL - VISITANTE
MAIS DE 40 ANOS (54anos)**



**FIG 3.MAPA MENTAL - ESTUDANTE
(12anos)**



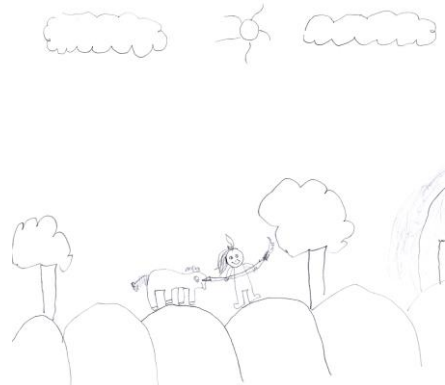
**FIG 4.MAPA MENTAL – ESTUDANTE
(6anos)**



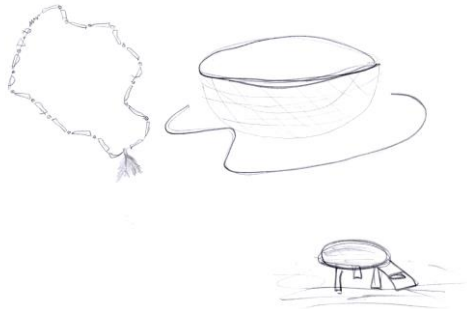
**FIG 5.MAPA MENTAL - ESTUDANTE
(14anos)**



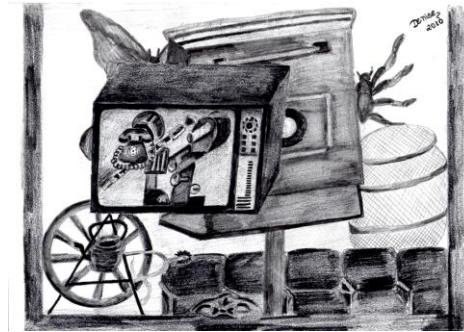
**FIG 6.MAPA MENTAL – ESTUDANTE
(9anos)**



**FIG 7.MAPA MENTAL - VISITANTE
NÃO RESIDENTE (31anos)**



**FIG 8.MAPA MENTAL - VISITANTE
NÃO RESIDENTE (24anos)**



**FIG 9.MAPA MENTAL -VISITANTE
RESIDENTE (39anos)**



**FIG 10.MAPA MENTAL - VISITANTE
RESIDENTE (25anos)**



Estas representações gráficas disponibilizam inúmeras possibilidades de entender o sujeito inserido no espaço museal, são diferentes formas de construir e reproduzir as relações sociais estabelecidas entre este sujeito e seu meio bem como entre este sujeito e os próprios objetos expostos.

Recapitulando, a metodologia dos mapas mentais aponta como deve ser feita a interpretação dos mapas selecionados, seguindo alguns quesitos: quanto à forma de representação dos elementos na imagem, quanto à distribuição dos elementos na imagem, quanto à especificidade dos signos e quanto às particularidades. Estes são os quesitos propostos por Kozel e neste último passamos literalmente a interpretar e correlacionar as mensagens.

Sendo inúmeras as questões nas quais poderíamos refletir seguiremos a proposta da pesquisa em analisar a percepção do visitante em relação ao espaço disponibilizado pelo Museu Campos Gerais. Mostrou se relevante a dificuldade que alguns visitantes apresentaram para representar graficamente aspectos que despertaram sua atenção durante a visita ao espaço.

Neste sentido foi possível perceber que durante a construção da pesquisa houve relevância associar a metodologia com a técnica de observação participante, pois nestes momentos o observador pôde se colocar ao nível dos sujeitos pesquisados percebendo as relações e ligações dos mesmos com os objetos.

2.3 RESULTADOS OBTIDOS COM A APLICAÇÃO DOS MAPAS MENTAIS

Segue uma tabela que relaciona os mapas mentais agrupados de acordo com a faixa etária dos participantes e os quesitos da metodologia Kozel.

	mapas mentais de acordo com a faixa etária dos participantes				
quesitos postulados por Kozel	6 a 14 anos	15 a 24 Anos	25 a 33 anos	25 a 39 anos	40 anos ou mais
1. Interpretação quanto a forma dos elementos na imagem.	letras e figuras geométricas	figuras geométrica linhas e curvas	figuras geométricas harmoniosas e definidas	letras, linhas e figuras geométricas	figuras geométricas
2. Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem.	formas dispersas predomínio horizontais	Formas dispersas	formas em perspectivas e horizontais	Formas em perspectivas e visão do todo	formas dispersas ou isoladas
3. Interpretação quanto às especificidades dos elementos na imagem.	elementos naturais e humanos, sensação de movimento	elementos humanos, presença elementos construídos pelo homem	predomínio elementos humanos	predomínio elementos humanos	elementos naturais e humanos,
4. Interpretação quanto às particularidades dos elementos na imagem	presença da natureza, representação mais diversos acervos do museu	mescla entre natureza e homem, representam diversos acervos do museu	representam interação e evolução do homem	mescla entre natureza e homem, representam elementos contextualizados	forte ligação passado, sugestões e adaptações para museu

Tabela produzida pelo autor: interpretação dos mapas mentais seguindo os quesitos postulados por Salete Kozel.

Nota-se que no grupo entre 6 a 14 anos há o predomínio de sessões ligadas à natureza, tais como Entomologia e Índios, estes percebem fragmentos, parcialidades do museu. Em contrapartida os registros gráficos feitos pelas pessoas entre 24 a 40 anos são relacionados à comunicação; por exemplo, o espaço destinado a Som e Imagem aparece com frequência; notório também a visão mais total representam signos do museu como um todo, um conjunto. Este grupo também utiliza os mapas como forma de “ficha de satisfação” expondo sugestões e críticas.

As pessoas com mais de 40 anos, tem seus mapas; ao menos em sua maioria; representados por frases mencionando cidadania, saudosismo, patriotismo e algumas sugerem mudanças e adaptações para o ambiente.

Há diversas interpretações, porém todos os mapas demonstram uma visão não muito organizada em relação ao espaço disponibilizado. Apesar de alguns argumentarem que o MCG sendo espaço eclético proporciona liberdade ao visitante existem muitos elementos subjetivos presentes, as representações gráficas [mapas mentais] deixaram claro que há uma dificuldade de organização mental por parte das pessoas ao se deslocarem pelas dependências do museu.

Naturalmente entendemos que as características, a missão e as vertentes de ações de uma instituição devem ser respeitadas, há inúmeros museus históricos espalhados pelo mundo e no Brasil que são interativos, com estímulos e estratégias modernas de visitação.

Como exemplo o Museu da Maré/RJ, o Museu do Amanhã/RJ, Catavento Cultural e Educacional/SP outro exemplo, o Museu de Rua em Aracaju e tantos outros, que dentro de suas limitações e possibilidades têm trabalhado a aproximação entrem espaços disponibilizados e seus públicos.

São museus caminhando na direção de interativizar as visitas modificando a idéia de museu como depósito de coisas antigas para uma imagem de aprendizado e lazer. Os mapas mentais detectam características dos objetos e do público freqüente no MCG, incitando movimento e aprimoramento no processo de comunicação entre o *objeto exposto* e o *sujeito/visitante*.

Como a atividade turística pressupõe continuidade e na área cultural essa seqüência é quase óbvia há necessidade de estabelecer uma relação dinâmica, pois a cultura é um incessante movimento. A maioria dos mapas representou um mundo

cultural de relações sistemáticas apesar de apresentarem traços confusos e às vezes difíceis de serem decifrados.

Existe um emaranhado de combinações entre as formas representadas, correlação entre passado e presente, noções de espaço físico completamente diferente entre as representações denotando os universos singulares de cada sujeito que participou do processo. Todo o raciocínio implica no planejamento e na organização destes difusos elementos.

Planejar talvez seja o verbo mais apropriado e conveniente para se organizar uma nova realidade, perceber e entender a dialética entre visitantexmuseu bem como considerar os resultados presentes na pesquisa são dimensões de uma nova realidade.

Significando um apontamento de direção para a administração do museu no sentido de pensar meios de conduzir seu visitante o contextualizando, proporcionando um fio condutor de raciocínio a partir das exposições apresentadas. Este mecanismo pode ser, por exemplo, um guia com uma linguagem própria e direcionada que auxilie àqueles que transitam pelo espaço.

2.4 RELAÇÃO ENTRE TEORIA, METODOLOGIA APLICADA E ANÁLISE PRÁTICA

Perante a teia de informações gostaria de apreender o leitor e fazê-lo perceber a dimensão de análise que a presente metodologia proporciona. Para tal, selecionei uma das representações gráficas (FIGURA 2.4) que mais chamam a atenção pela percepção holística do espaço representada pelo sujeito bem como traduz os resultados mencionados, principalmente quando o texto refere se a disposição dos objetos nas estruturas espaciais do museu como caóticas.

As construções individuais baseadas no coletivo partem do olhar, nosso primeiro contato com o mundo exterior é o olhar. E a partir dele criamos e recriamos imagens mentais representadas pelas imagens gráficas.



FIGURA 2.4

mapa mental visitante residente na cidade de Ponta Grossa idade: 39 anos				
TEORIA	dialogismo entre objeto, representação e interpretação	relação entre o indivíduo, os signos representados e seu contexto	decodificação das imagens implicando em subsídios para o planejamento turístico	resultado focado na visualização do museu a partir da percepção do visitante
METODOLOGIA APLICADA MAPAS MENTAIS Quesitos propostos por Kozel	1. Interpretação quanto a forma dos elementos na imagem.	2. Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem	3. Interpretação quanto às especificidades dos elementos na imagem.	4. Interpretação quanto às particularidades dos elementos na imagem
	letras, linhas e figuras geométricas	Formas em perspectivas e visão do todo	predomínio elementos humano	mescla entre natureza e homem, representam elementos contextualizados
ANÁLISE PRÁTICA	Percebendo o encaixe das partes para a análise de todo o quadro, verifica se uma viagem pela representação selecionada. O participante teve a perspicácia de associar o signo dos olhos, para enxergar todo o espaço exposto. Há verossimilhança do desenho com o de uma árvore onde as raízes, notem são as etnias presentes na exposição intitulada pelo Museu Campos Gerais como IMIGRANTES, dos diversos povos e descendências nasce toda a raiz, a base de uma sociedade. Na superfície; no solo; a evolução tecnológica representada na imagem pelos telefones, televisão, o projetor de cinema mudo subentendido toda a estrutura de modificações na sociedade ao longo do tempo. Dentro do museu, estas características refletem um espaço nomeado de SOM E IMAGEM e AMBIENTAÇÃO DOMÉSTICA citados aqui para situar o leitor. E ainda, a			

	<p>imagem contempla os elementos naturais, insetos sobrevoam os galhos da árvore bem como seu tronco, materializados dentro do museu na exposição de ENTOMOLOGIA. Permeando toda a reflexão o sujeito; percebe as pegadas ao longo da raiz na imagem; sujeito este foco da metodologia Kozel e fundamental na construção de qualquer relação e no planejamento de qualquer atividade. Deste princípio verifica se a relevância dos mapas mentais na formatação de um patrimônio cultural de forma a basear se na percepção de seu visitante, permitindo associar a proposta de mensagem com o feedback, a resposta em relação a esta mensagem.</p>
--	--

Tabela produzida pelo autor: relação entre teoria, metodologia aplicada e análise prática, baseada na FIGURA 2.4

A metodologia dos mapas mentais proporciona detectar características e necessidades dos envolvidos de uma forma mais branda, como demonstrou se na riqueza de detalhes interpretados na representação gráfica anteriormente tomada como exemplo podendo vir a ser eficiente ferramenta aliada ao turismo, já que esta atividade cada vez mais busca satisfazer as necessidades das pessoas que apresentam características cada vez mais específicas.

O processo de comunicação pode ser considerado uma característica própria da atividade turística por constituir um sistema de atividades marcadas pelas interações sociais carregadas de mensagens produzidas e traduzidas pelos efeitos causados nos indivíduos que a praticam independentemente da natureza destes efeitos.

De acordo com os registros elaborados pelos visitantes em seus mapas mentais, cabe aqui a proposta de um material de auxílio à visita. Sendo uma instituição pública, não dispondo de verba para informatizar e utilizar meios de interpretação como, por exemplo, fones de áudio dentre outros recursos tecnológicos. Sugere se um guia com informações essenciais sobre cada acervo exposto de modo a agregar valor e registrar “materialmente” a experiência da visita por ser um material que o indivíduo poderá levar consigo.

Este material funcionará como um apoio não necessariamente para estruturar uma lógica para a visita, mas uma lógica àquele que espera entender o espaço pelo qual se desloca. O público demonstrou ter interesses diversificados, ponto positivo para resignificar e revalorizar a cultura, a identidade e o próprio contexto a que o museu se propõe em comunicar.

Foi verificado que a linguagem figurada presente nos mapas mentais em relação ao acervo exposto no museu reflete a percepção dos indivíduos pesquisados de forma sincera e espontânea diferente, por exemplo, da aplicação de um questionário ou outro método de pesquisa.

A participação de determinada comunidade na formatação de um atrativo turístico vai muito além de ações mecânicas, e esse “além” é captado pelos mapas mentais, fazendo com que o planejamento parta de um olhar endógeno, representado pela população que é a primeira, ou deve ser a primeira, a usufruir do atrativo em questão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo antes de qualquer conceito estabelecido é uma atividade interativa, onde o homem protagoniza as relações com suas características objetivas e subjetivas destacando assim a dificuldade ou o desafio crescente de planejar bem como articular esta atividade de forma harmoniosa e estruturada.

Não cabe aqui, tão pouco é nosso objetivo discutir economia de experiência ou economia simbólica, mas é relevante a metodologia apresentada como um artifício de detectar as relações simbólicas produzidas pelos indivíduos durante uma atividade turística independente do meio em que esta é realizada permitindo uma nova análise junto ao processo de planejamento.

Vários campos da ciência têm entendido que um lugar e todas as suas significações podem se transformar num objeto de investigação científica diante a capacidade natural e quase exclusiva do homem em lembrar formas e desenhos. A investigação desta capacidade em expressar diferentes percepções possibilita associar os significados com o comportamento das pessoas sendo justamente neste sentido que os mapas mentais atuam.

No caso do Museu Campos Gerais; foco da pesquisa; as representações gráficas (mapas) registraram as imagens expressivas e singulares daqueles que visitam o espaço. Propiciando assim aos organizadores deste museu o entendimento das relações dialógicas entre os indivíduos inseridos ou não no contexto social da cidade de Ponta Grossa e região.

A aplicação dos mapas mentais respondeu de maneira satisfatória e esclarecedora ao objetivo de entender a percepção do visitante ao transitar pelo espaço museal, bem como, a leitura feita dos signos apresentados proporcionaram uma análise ampla destas “marcas” do pensar que traduzimos em imagens.

A proposta de um guia, um material de apoio às visitas constitui uma possibilidade diante o interesse dos indivíduos em ter referenciais para transitar pelo espaço disponibilizado bem como algo que possam levar consigo, a “materialização” simbolicamente falando da experiência vivida durante a visita.

O turismo não pode se furtar deste conhecimento subjetivo e entrelinhas, devendo entender que visualizar a percepção dos indivíduos por meio dos mapas mentais constitui ferramenta auxiliar de planejamento. Pois, os mesmos refletem o

entendimento e visão do indivíduo por meio do coletivo, formatando assim um espaço capaz de atrair visitantes satisfazendo suas necessidades.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. **Signos: Conceito.** Disponível em: <<http://www.partes.com.br/ed39/teoriasignosreflexaoed39.htm>> Acessado em 20 setembro. 2010.
- ALBANO, C. e MURTA, S. M. (organizadoras) **Interpretar o patrimônio, um exercício do olhar.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- ALBANO, C. e MURTA, S. M. ICOM in: **O Museu como Atrativo Turístico.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- BAILLY, A. **Geographie régionale et representation.** In: BAILLY, A. et al. Geographie régionale et representation. Paris: Anthropos, 1995.p.25-34.
- BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento.** Campinas: Papiros, 2000.
- BECKER, H.S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais.** 3ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.
- COSTA, F e R. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação.** Edições SESC. São Paulo: Senac, 2009.
- CUNHA, M. **Espaço real e espaço imaginário: a estética de Jung.** Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998.
- FURTADO, E. M. **O turismo no espaço urbano de Natal/RN: das primeiras iniciativas a intensificação da atividade.** Goiânia. Dezembro/2007. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/viewFile/3016/3057>> Acessado em: 10 outubro. 2010.
- GALVAO, W e KOZEL, S. **Representação e ensino de Geografia: Contribuições teórico-metodológicas.** Goiânia. Dezembro/2008. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/viewFile/5333/4394>> Acessado em: 02 agosto. 2010.

GASTAL, S. (org.) **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, M. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

KOZEL, S. **Comunicando e Representando: Mapas como construções socioculturais**. In: SEEMANN, J. (org.) *A Aventura cartográfica*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.p.131-149.

MELO , A. C. **Formulação de Um Modelo de Observatório para o Turismo Cinematográfico em Brasília**. Brasília, 2009. 135f.: il. Disponível em <http://www.cet.unb.br/portal/attachments/1207_Formula%C3%A7%C3%A3o%20de%20um%20modelo%20de%20observat%C3%B3rio%20para%20o%20turismo.PDF> Acessado em 07 setembro. 2010.

MOTA, K.C. **Marketing Turístico: promovendo uma atividade sazonal**. São Paulo: ATLAS, 2001.

MURTA, G. **Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado – um guia**. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 1995.

NITSCHKE, L.B. **O significado do turismo no roteiro “Caminhos de Guajuvira”, Araucária/PR**. (Dissertação de Mestrado – PPG Geografia). Curitiba: UFPR, 2007.

PEIXOTO, A. J. **A origem e os fundamentos da fenomenologia: uma inclusão pelo breve pensamento de Husserl**. In: *Concepções sobre fenomenologia*. Goiânia: UFG, 2003. p. 13-32.

RUSCHMANN, D. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 9ª Edição. Campinas: PAPIRUS, 2002.

SANTOS, M. **O espaço e o cidadão**. 7ª Edição. São Paulo: EDUSP, 2007.

TUAN. Y. F. **Topofilia** in: BAKHTIN, M. et al **Topofilia**. São Paulo. Difel, 1980.